



Funcionalismo Linguístico – relação entre gramática e usos

No atual contexto em que vivemos, com a linguagem estando cada vez mais sob foco e funcionando como peça fundamental na organização sociopolítica das nações e do mundo (representando e criando realidades, para o bem e para o mal), o tema discutido neste número da Revista *Matranga* joga luz sobre o funcionamento das línguas e sobre a necessidade de se buscar, no contexto discursivo, a motivação para os usos que delas se fazem. Por isso a importância cada vez maior de se discutir o Funcionalismo Linguístico.

A perspectiva funcionalista concebe a língua como instrumento de interação social. Linguagem e sociedade são, portanto, indissociáveis. Nos estudos funcionalistas, à dimensão dos estudos linguísticos incorpora-se a dimensão social. A linguagem é entendida em sua relação com os contextos específicos em que é utilizada e em relação com os fenômenos sociais de que faz parte. Trata-se o Funcionalismo de uma teoria que tem como foco a função que exercem os componentes linguísticos postos em uso na interação verbal, considerando a intencionalidade discursiva dos falantes e as escolhas que fazem ao interagirem com os outros e com o mundo. Dessa forma, o Funcionalismo considera a relação entre forma e função como algo instável, refletindo, assim, o caráter dinâmico da linguagem.

Sob o mesmo rótulo funcionalista, propostas diferentes de análise linguística vêm sendo desenvolvidas por diversos grupos de pesquisadores. De um modo geral, o Funcionalismo Linguístico tem, em suas várias vertentes teóricas, uma base comum: as abordagens funcionalistas partem do pressuposto de que a forma é sempre subordinada à função e de que a sintaxe, a semântica e a pragmática são indissociáveis na análise dos fatos da língua, observados estes, a todo tempo, em seus contextos específicos de uso.

Nesta coletânea, estão publicados trabalhos oriundos de duas vertentes dos estudos funcionalistas: a Linguística Sistêmico-Funcional e a Linguística Cognitivo-Funcional, tendo esta como precursores o Funcionalismo Norte-Americano e a Linguística Cognitiva.

A Linguística Sistêmico-Funcional foi proposta, nos idos de 1960, por Michael Alexander Kirkwood Halliday, com o objetivo de compreender como a linguagem é, de fato, usada para



construir a realidade e para possibilitar as relações sociais. Desenvolveu-se mais intensamente, entretanto, na década de 80, a partir da publicação de *An Introduction to a Functional Grammar*, que foi revisada em 1994 e cujas terceira e quarta edições, em 2004 e 2014, tiveram a colaboração de Christian M. I. M. Matthiessen.

Trata-se de uma abordagem sociossemiótica da linguagem que “busca desenvolver tanto uma teoria sobre a linguagem como processo social quanto uma metodologia analítica que permita a descrição detalhada e sistemática de padrões de linguagem” (EGGINS, 2004, p. 21), constituindo-se, portanto, como importante ferramenta para a análise de textos. Essa perspectiva teórica concebe a língua como um recurso para a construção de significados, sempre a serviço das funções sociais que a língua tem a cumprir (HALLIDAY e HASAN, 1989), e, na busca pela compreensão do fenômeno linguístico, coloca o componente lexicogramatical em lugar de destaque:

Uma língua é interpretada como um sistema de significados acompanhados de formas por meio das quais esses significados podem ser realizados. A questão é: “como são os significados expressos?”. Isso coloca as formas de uma língua em uma perspectiva diferente: como meios para um fim e não como um fim em si mesmas. (HALLIDAY, 1985, p. xiii)

Na perspectiva sistêmico-funcional, dois conceitos são essenciais para a compreensão do funcionamento da linguagem: *sistema e função*. A LSF é sistêmica, porque considera a gramática um conjunto de sistemas de escolhas semanticamente motivadas de que lançamos mão para construir significados (teoria de base paradigmática), e é funcional, porque explica como os componentes que constroem os significados relacionam-se às funções que a língua desempenha (metafunções ideacional, interpessoal e textual) (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014). Em seus fundamentos, há ainda outros conceitos que norteiam essa vertente teórica: texto, contexto de cultura e contexto de situação, gênero e registro, variáveis contextuais, entre outros, que será possível ver em operação a partir de discussões aqui propostas nos artigos de Matthiessen e DeCoursey; Marques, Fuzer e Gerhardt; Fadanelli; Mercuri; e em aspectos específicos sobre a teoria e sua aplicação desenvolvidos por Gouveia, nosso entrevistado ao final desta edição.

O artigo de nosso convidado Christian M. I. M. Matthiessen, em coautoria com Christina DeCoursey, representa bem a abordagem sistêmico-funcional aqui brevemente apresentada. Em *The English lexicogrammar of violence: lexical resources*, que abre este número da *Matraga*, os autores apresentam uma descrição exploratória do que chamam de *léxico-gramática da violência*, uma descrição dos recursos léxico-gramaticais fornecidos pelo inglês para construir, por meio da língua, nossa experiência com a violência, ao lado de outros domínios experienciais tão difíceis de traduzir, como a dor e a emoção. Para tanto, eles dão especial atenção aos recursos lexicais no *continuum* da léxico-gramática, localizando-os, porém, nas estruturas gramaticais em que eles operam.

A outra linha contemplada no número é a da Linguística Cognitivo-Funcional (LCF), uma área que reúne pesquisadores que advêm da Linguística Funcionalista Norte-Americana (GIVÓN, 1990, 1995; HOPPER, 1991; HOPPER E TRAUOGOTT, 1993, dentre outros), iniciada na década de 1970 e contrária à visão formalista inatista desenvolvida por Noam Chomsky. A corrente postula que as gramáticas das línguas são criadas e modificadas pelo uso e que a gra-

mática reflete os objetivos comunicativos dos falantes. Já no século XXI, essa corrente recebeu grande influência da concepção da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006), ao adotar o conceito de gramática como uma rede de construções linguísticas.

As construções linguísticas são vistas como pareamentos de forma e função e estão todas conectadas por *links* formais ou funcionais. A estrutura linguística e a sua mudança são decorrentes da atuação de processos cognitivos de domínio geral, tais como categorização e analogia (BYBEE, 2010, 2015; DIESSEL, 2019). A Linguística Cognitiva-Funcional também recebe influência da Sociolinguística Variacionista e da Linguística de *Corpus*, além de forte influência da Gramática de Construções. Hoje, dependendo do que é focalizado pelo linguista, há diversos rótulos para áreas que trabalham com esses pressupostos, como Gramática de Construções Baseada no Uso, Gramática de Construções Cognitiva e Linguística Funcional Centrada no Uso.

Ao invés de se conceber uma gramática formada por regras, a LCF postula que a gramática é baseada no uso, que é influenciada pela maior ou menor frequência das construções linguísticas e que há processos cognitivos que não são exclusivos da linguagem, mas que moldam as gramáticas das línguas e explicam a aquisição da linguagem e as mudanças linguísticas. As variações na forma e na função de uma construção ocorrem o tempo todo, mas a mudança na rede construcional ocorre quando surge uma nova construção, ou seja, um novo nó na rede linguística, estabelecendo novas relações com construções já existentes. As construções mais usadas têm uma representação mais forte nas mentes dos indivíduos do que as construções menos usadas, e isso contribui tanto para a estabilidade do sistema linguístico como para a sua variação e mudança.

Neste número da Revista, os artigos de Paiva e Medeiros; Oliveira e Sambrana; Bispo e Silva; Freitas Junior, Barbosa e Silva; Rosário; Ferrari e Ribeiro; e Santos e Pinheiro contemplam diversas variantes da Linguística Cognitivo-Funcional.

O artigo *Gradiência e mudança linguística: o caso de “entretanto”*, de nossa convidada Maria da Conceição Paiva e de sua coautora Priscila Thaiss da Conceição de Medeiros, é um exemplar dessa visão funcionalista. No trabalho, as autoras analisam a história do desenvolvimento da construção *entretanto* e discutem sua natureza categorial em diferentes contextos de uso. Partindo do pressuposto funcionalista de que há gradiência entre as categorias linguísticas e de um levantamento de dados em textos dos períodos arcaico, clássico e moderno/contemporâneo do português, verificam que a construção temporal *entretanto* incorporou propriedades dos elementos conjuntivos e se estendeu para o domínio do contraste. Segundo as evidências atestadas na pesquisa, esse processo pode ter-se dado pelo compartilhamento de diversas propriedades morfosintáticas e contextuais que construções adverbiais e construções conectivas compartilham. Essa convergência categorial leva a uma gradação de usos que se configuram num *continuum* entre advérbio e conector.

Apresentamos os artigos selecionados para o número, iniciando pelos trabalhos da área da LSF. O primeiro deles é o texto *Fases da interação na leitura compartilhada entre professores e alunos com base na análise das funções da fala*, cujos autores, João Baptista Favero Marques, Cristiane Fuzer e Carla Carine Gerhardt, partindo dos pressupostos teóricos da LSF e de ati-



vidades baseadas na Pedagogia de Gêneros da Escola de Sydney, identificam fases da interação entre professores e alunos do ensino fundamental durante execução de atividades de leitura. Também analisam o papel de cada uma dessas fases na negociação de significados no discurso pedagógico. Os autores analisam ocorrências de funções da fala a partir de realizações léxico-gramaticais e respectivas reações, para assim identificarem as fases da interação na leitura compartilhada.

Sabrina Bonqueves Fadanelli, em *Systemics-functional grammar and teaching English as a foreign language: an analysis of three realizations of the recipe genre and a reflection on pedagogical applications*, reflete sobre a importância da LSF para o estudo de questões concernentes ao ensino de inglês como língua estrangeira e, buscando contribuir para a aplicação da LSF ao ensino, analisa como exemplos de um gênero específico, a receita culinária, podem evidenciar diferentes caracterizações funcionais, além de abordar como professores de inglês podem usar o gênero no seu trabalho com aprendizes. O artigo traz uma reflexão sobre como aspectos funcionais podem ser utilizadas no ensino de Inglês, a partir das metafunções propostas por Halliday.

Tomando, também, a perspectiva sistêmico-funcional da linguagem, Karen Tank Mercuri, em seu artigo *LULADRÃO E BOLSONAZI: um estudo do neologismo como recurso avaliativo em mídia social*, investiga as criações neológicas como recurso de avaliação. Para isso, analisa os comentários sobre postagens da página de verificação de notícias, agência Lupa, no Facebook, em período próximo ao segundo turno das eleições presidenciais de 2018. Analisa neologismos que expressam avaliação negativa dos candidatos e de seus apoiadores, sob a perspectiva dos campos semânticos do sistema de Avaliatividade.

Agora, apresentamos os trabalhos da área da LCF, iniciando pelo artigo de Mariangela Rios de Oliveira e Vania Rosana Mattos Sambrana: *A complementaridade da gramaticalização e da construcionalização para a pesquisa da formação de marcadores discursivos em português*. Nele, as autoras procuram aliar os pressupostos do modelo de gramaticalização e os do modelo da construcionalização gramatical para a descrição e a análise de construções que funcionam como marcadores discursivos, como *vejamos* e *veja lá*, muito recorrentes no português do Brasil. Estudam o surgimento e o papel dos marcadores discursivos formados pela base verbal *ver* e uma subparte opcional, como as partículas *lá*, *bem* ou *só*. Argumentam que tais elementos pragmáticos podem ser agrupados sob um mesmo esquema, que denominam de construção marcadora discursiva de visualização virtual.

Em *Deu uma varrida na casa: aspectos semântico-interacionais da construção de atenuação com dar uma V-da*, Edvaldo Balduino Bispo e Aline Danielly Leal da Silva analisam a construção *dar uma V-da* como *dar uma fugida*, *dar uma animada*. Os autores discutem aspectos semânticos e interacionais dos usos dessa construção. Fundamentam a pesquisa na Linguística Funcional Centrada no Uso e realizam uma análise de natureza quali-quantitativa, utilizando dados extraídos de textos de *blogs*. Os resultados mostram que os verbos-base da nominalização em *-da* são do tipo semântico ação (mais frequente), ação-processo e processo, e que o papel principal da construção é de atenuação.

Roberto de Freitas Júnior, Érica Cristina Silva e Kleveland Cristian Barbosa, no artigo *Essa construção sofreu mó mudança de lá pra cá: possível trajetória evolutiva da construção [MóX]*, dis-

cutem a possível construcionalização da Construção de Informalidade e Intensificação [MóX], no Português do Brasil (PB), objetivando mapear, analisar e descrever sincronicamente os contextos de uso de expressões como [Mó saudade], [Mó legal], [Mó lembrando], [Mó mal] no PB. Sob a perspectiva construcional, algumas propriedades do pareamento forma e função são apresentadas na análise e, para comprovar a criação dessa nova construção, os autores remontam ao latim, ao galego-português e ao português do século XX e XXI.

Outro trabalho da mesma linha é o de Ivo da Costa do Rosário, intitulado *Esquema [X de]_{conect} em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso*, que tem como objetivo geral comprovar a existência de uma grande rede construcional associada ao esquema [X de]_{conect} em língua portuguesa. A hipótese central é que esse esquema congrega, pelo menos, dois subesquemas aos quais estão ligadas diversas microconstruções conectoras responsáveis pela conexão de orações hipotáticas não finitas. Os resultados da pesquisa, partindo-se de uma metodologia qualitativa, comprovam que instanciações do esquema [X de]_{conect} se distanciam de seus usos prepositivos canônicos e passam a atuar no domínio da conexão interoracional.

Em *Construções gramaticais e ponto de vista: as concessivas [Embora P, Q] e as condicionais concessivas [Se P, Q]*, Lilian Ferrari e Gabriela Ribeiro realizam uma análise contrastiva entre construções concessivas e condicionais concessivas em textos jornalísticos do português brasileiro. Sua pesquisa demonstra que as construções em estudo têm diferenças pragmáticas em decorrência do ponto de vista na rede de espaços mentais na qual são usadas. Essas construções também refletem posturas epistêmicas diferentes: as concessivas refletem postura epistêmica positiva do jornalista com relação à factualidade do evento; já as condicionais concessivas codificam uma postura epistêmica neutra do jornalista no que tange ao evento reportado. Assim, com ênfase numa visão cognitiva, as autoras apresentam as motivações funcionais para os usos dessas construções.

Por fim, temos o artigo de Maria Clara Pimenta Camelo dos Santos e Diogo Oliveira Ramires Pinheiro intitulado *Gramática de Construções Cognitiva e ensino de língua estrangeira: uma proposta para o ensino da alternância dativa do inglês*, que traz uma interessante aplicação da Linguística Cognitivo-Funcional ao ensino de língua estrangeira. O artigo relata um experimento no qual foi avaliada a viabilidade de se combinarem, no ensino da alternância dativa do inglês, os fatores analíticos da Gramática de Construções Cognitiva (vertente funcionalista da Gramática de Construção) aos pressupostos teóricos das abordagens comunicativas de ensino de língua estrangeira.

Finalizando as contribuições para os estudos funcionalistas que esta edição da *Matraga* representa, Carlos A. M. Gouveia, pesquisador e Professor Associado com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador no Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA-ILTEC) da Universidade de Coimbra, responde a algumas perguntas formuladas por Vania L. R. Dutra e Sara Regina Scotta Cabral na seção *Entrevista*. Em suas considerações, Gouveia esclarece alguns pontos considerados fundamentais para o entendimento da Linguística Sistêmico-Funcional, defende a pertinência da teoria para se pensar o ensino e a aprendizagem da língua na escola básica, além de trazer notícias sobre a presença da LSF nas escolas e nas universidades portuguesas.



Consideramos o conjunto de textos ora apresentados uma contribuição significativa para os estudos funcionalistas da linguagem, assim como acreditamos que os leitores interessados no estudo da língua vinculada a sua dimensão social têm aqui muito o que explorar. Então... boa leitura!

Vania L. R. Dutra e Maria Maura Cezario

REFERÊNCIAS

- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. **Language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- DIESEL, H. **The Grammar Network: How linguistic structure is shaped by language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- EGGINS, S. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. 2nd ed. London: Continuum, 2004.
- GIVÓN, T. **Syntax: a Functional-Typological Introduction**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1990.
- GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdã: John Benjamins, 1995.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions: A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University Press, 1995.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Cambridge: University Press, 2006.
- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 1st ed. London: Edward Arnold, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, Context and Text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. 4th ed. London; New York: Routledge, 2014.
- HOPPER, P. On some principles of grammaticization. *In*: TRAUGOTT, E. C; HEINE, B. (ed). **Approaches to grammaticalization**. Vol I. Focus on theoretical and methodological issues, Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-36.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].

